

Luciano Mendes de Faria Filho
Meily Assbú Linhales

Organizadores

História e historiografia da educação:

múltiplas narrativas

Luciano Mendes de Faria Filho
Meily Assbú Linhales

Organizadores

História e historiografia da educação:

múltiplas narrativas



HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO: MÚLTIPLAS NARRATIVAS

Copyright © 2017 by Luciano Mendes de Faria Filho e Meily Assbú Linhales (Organizadores)

Todos os direitos reservados

COLEÇÃO PENSAR A EDUCAÇÃO PENSAR O BRASIL

Comitê Editorial

Marileide Lopes dos Santos (RME/PBH – GEPHE/UFMG) – Coordenadora

Ilka Miglio de Mesquita (UNIT)

Juliana Cesário Hamdan (UFOP)

Luciano Mendes de Faria Filho (UFMG)

Marcilaine Soares Inácio (UFMG)

Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (UFMG)

Marcus Vinícius Corrêa Carvalho (UFF)

Raylane Andreza Dias Navarro Barreto (UNIT)

Rita Cristina Lima Lage (UFOP)

Rosana Areal de Carvalho (UFOP)

Tarcísio Mauro Vago (UFMG)

Série Estudos Históricos

Coordenação

Juliana Hamdan (UFOP)

Marcus Vinícius Corrêa Carvalho (UFF)

Capa

Túlio Oliveira

Revisão

Nathan Matos | Literatura BR Editorial

Projeto gráfico e diagramação

Anderson Luizes

H673 História e historiografia da Educação [livro eletrônico] : múltiplas narrativas / organizadores: Luciano Mendes de Faria Filho e Meily Assbú Linhales. – Belo Horizonte : Mazza Edições, 2017. ePub

ISBN: 978-85-7160-694-4

1. Educação - História. I. Faria Filho, Luciano Mendes de . II. Linhales, Meily Assbú.

CDD: 370.9

CDU: 37(091)

Produção Gráfico-editorial

MAZZA EDIÇÕES LTDA.

Rua Bragança, 101 – Pompeia

30280-410 BELO HORIZONTE – MG

Tel.: + 55 (31) 3481-0591

edmazza@uai.com.br

www.mazzaedicoes.com.br

SUMÁRIO

Apresentação	9
PARTE I: Os processos educativos no oitocentos brasileiro	15
A “Exposição Pública” no Museu Nacional: conformação de uma espacialidade de exibição para o colecionismo da História Natural	17
<i>Verona Campos Segantini e Bernardo Jefferson de Oliveira</i>	
O rosário, o compasso e o terço: laços sociais e educabilidades negras em Pernambuco (1800-1850)	37
<i>Itacir Marques da Luz</i>	
Experiência humana e processo de escolarização no século XIX	55
<i>Fabiana da Silva Viana</i>	
Câmara Municipal de Sabará e a formação da elite sabarense na segunda metade do século XIX	71
<i>Marileide Lopes dos Santos e Luciano Mendes de Faria Filho</i>	
A geografia escolar e manuais escolares na província de Minas Gerais no século XIX	91
<i>Eduardo José Pereira Maia</i>	
Formação militar e “Amparo aos Desvalidos” na Companhia de Aprendizes Militares de Minas Gerais (1876-1891)	109
<i>Felipe Osvaldo Guimarães</i>	

Quando os livros chegam aos leitores: a distribuição para professores e alunos (Minas Gerais, século XIX)127

Raquel Menezes Pacheco e Mônica Yumi Jinzenji

Experiências estrangeiras: princípios e propostas para a instrução pública mineira.....139

Rita Cristina Lima Lages e Luciano Mendes de Faria Filho

**PARTE II: A educação em tempos de transição:
livros e instituições..... 159**

Entre a casa e a rua: o cotidiano da mocidade em Diamantina-MG no final do século XIX161

Helder de Moraes Pinto

Educação a bordo: o ensino para aprendizes marinheiros em Sergipe e Lisboa no século XIX.....179

Solyane Silveira Lima

Traços da militarização da infância: o fuzil é pequeno, pouco pesa, mas serve para a defesa da República do Brasil197

Maria Zélia Maia de Souza

A escolarização dos exercícios físicos e os manuais de ginástica no processo de Constituição da Educação Física como disciplina escolar (1882-1926).....213

Diogo Rodrigues Puchta

A circulação de prescrições sobre higiene na escola normal de São João Del-Rei, final do século XIX e início do XX225

Daniela Flávia Martins Fonseca e Meily Assbú Linhales

Revoluções brasileiras: o olhar de Gonzaga Duque para a História do Brasil.....245

Bruna de Oliveira Fonseca

PARTE III: A educação e as tensões do mundo urbano 261

A Educação das sensibilidades nos espetáculos teatrais realizados pelo Club Dramático Arthur Azevedo, em São João Del-Rei-MG (1915-1916): breve notícia sobre uma tese.....263

Carolina Mafra de Sá e Ana Maria de Oliveira Galvão

Competente <i>sportswoman</i> e dedicada professora: Lucia Joviano e a <i>Gymnastica</i> (1910-1932)	283
<i>Gyna de Ávila Fernandes e Andrea Moreno</i>	
A educação física na escola de aperfeiçoamento: sujeitos que ajudam a contar essa história (Belo Horizonte, 1927-1945)	301
<i>Ramona Mendes Fontoura de Moraes e Andrea Moreno</i>	
A escolarização batista em Belo Horizonte: uma análise de sua implantação (1918-1927)	321
<i>Taciana Brasil dos Santos</i>	
A tradição e a modernidade: a igreja católica e a articulação de um novo espaço para as mulheres – 1930/1935	341
<i>Adriana Duarte Leon e Luciano Mendes de Faria Filho</i>	
Um estudo da caixa escolar em Minas Gerais por meio dos estatutos (1911-1913)	363
<i>Fabiana de Oliveira Bernardo e Mônica Yumi Jinzenji</i>	
A diretoria de higiene de Minas Gerais e seus modos de agir: a educação como medida sanitária (1910-1927)	381
<i>Liliane Tiburcio de Oliveira</i>	
Concepções educacionais em movimento: Sud Mennucci e o pensamento ruralista	399
<i>Henrique de Oliveira Fonseca e Thais Nívia de Lima e Fonseca</i>	
As caixas escolares na capital mineira (1911-1918): uma estratégia para “fomentar e impulsionar a frequência nas escolas	417
<i>Priscilla Nogueira Bahiense</i>	
PARTE IV: As instituições de formação e os sujeitos da/na história	437
Relações entre práticas tradicionais e práticas escolares de saúde das populações rurais em Minas Gerais (Ibirité, 1940-1970)	439
<i>Walquíria Miranda Rosa e Ana Maria de Oliveira Galvão</i>	
Estudando impressos e seus leitores: cenas da pesquisa e os métodos da investigação sobre as apropriações de Grande Hotel, uma revista para mulheres	455
<i>Juliana Ferreira de Melo e Ana Maria de Oliveira Galvão</i>	

Natália Lessa e o ensino da dança	477
<i>Elisângela Chaves e Andrea Moreno</i>	
“Sentido novo da vida rural”: a formação de professoras na escola normal regional D. Joaquim Silvério de Souza (1949-1963)	495
<i>Leonardo dos Santos Neves</i>	
“Os clubes 4-s (saber, sentir, saúde, servir) de jovens rurais em Minas Gerais”	513
<i>Leonardo Ribeiro Gomes</i>	
A constituição da fazenda-escola de Florestal-MG: projeto de modernização do rural (1939-1948)	533
<i>Bruno Geraldo Alves e Bernardo Jefferson de Oliveira</i>	
Concursos públicos para provimento de cadeira de educação física em escolas estaduais mineiras (1960-1974): o lugar da escola de educação física de Minas Gerais	551
<i>Guilherme de Souza Lima Oliveira</i>	
A educação física em cena: olhares sobre o colégio estadual de Minas Gerais (1956-1973)	571
<i>Gabriela Villela Arantes e Meily Assbú Linhales</i>	
Escola noturna do lombo-lombo (Cabinda, 2005-2013)	589
<i>Selva Pemba Tomás Buza e Cynthia Greive Veiga</i>	
História pública e história da educação: itinerários do cinema-história	609
<i>Rodrigo de Almeida Ferreira e Thaís Nívia de Lima e Fonseca</i>	
Sobre os autores	627

ESTUDANDO IMPRESSOS E SEUS LEITORES: CENAS DA PESQUISA E OS MÉTODOS DA INVESTIGAÇÃO SOBRE AS APROPRIAÇÕES DE GRANDE HOTEL, UMA REVISTA PARA MULHERES

Juliana Ferreira de Melo

Ana Maria de Oliveira Galvão

O PROBLEMA DE PESQUISA: PRIMEIRAS CENAS

Arquivos da cidade de Belo Horizonte. A busca é por revistas, já que nosso interesse volta-se para os leitores do impresso.¹ A princípio, as crianças são as protagonistas no cenário onde procuramos saber como os sujeitos leem, em determinado tempo e espaço, os impressos que lhes são destinados.² De um lado, editores que buscam determinados leitores mirins; de outro, os leitores ‘reais’.

¹ Entendemos *impresso* – que se distingue do *texto* – tal como o compreende Roger Chartier (1988 [1982-1986], 1994), como ficará mais claro ao longo do capítulo.

² Esse interesse pela leitura de revistas por crianças vem do estudo que realizamos entre 2006 e 2008. Nessa pesquisa, procuramos compreender como um indivíduo, nas primeiras décadas do século XX, participava das culturas do escrito, em um quadro de transmissão familiar de um conjunto de práticas e disposições letradas. Ao desenvolver a investigação, verificamos que, além de ter contato permanente com livros, Pedro Nava (1903-1984), sujeito da pesquisa em questão, folheava e recortava revistas, entre as quais: *O Malho*, *a Careta*, *O Tico-Tico*. As personagens de quem Pedro Nava mais gostava eram protagonistas de suas ilustrações e das histórias que o memorialista, quando menino, criava. A esse respeito, ver Juliana Melo (2008).

Entre a Hemeroteca do Arquivo Público Mineiro e a Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, no trabalho de garimpagem das fontes que nos levariam às crianças imaginadas, leitoras de *O Tico-Tico*, do *Fafasinho* e das revistas de super-heróis na primeira metade do século XX, uma descoberta. Na Biblioteca Infantil e Juvenil da cidade, não há coleções dessas revistas *para* crianças, mas de revistas produzidas *para* mulheres.³ Por que revistas femininas antigas estão arquivadas em uma biblioteca para crianças? Números de *Grande Hotel* e de *Capricho*, das décadas de 1940 e 1970, estão misturados entre os diferentes impressos destinados aos pequenos.

Ao folhear as revistas, uma surpresa aos olhos de quem, contemporaneamente, não conhecia esses impressos: *Grande Hotel* e *Capricho* eram constituídas, em grande parte, de fotonovelas,⁴ embora publicassem seções que ensinavam como cozinhar, maneiras de cuidar do corpo, modos para se “arranjar” um “bom marido” e um “excelente casamento”; de colunas em que leitores e leitoras deixavam seus recados, procurando alguém para se corresponder.

Grande Hotel foi a revista que mais se destacou entre as outras do acervo consultado porque havíamos localizado alguns de seus primeiros números. E o mais importante: considerando que os fotodesenhos foram os ‘ascendentes’ das fotonovelas, tratava-se da primeira revista a veicular esse gênero de narrativa no Brasil. Além disso, os homens e as mulheres que, supostamente, enviavam suas cartas para a revista, desejando encontrar uma “moça” ou um “rapaz” para quem escrever, suscitaram em nós algumas reflexões. Que leitores eram esperados para *Grande Hotel*? Que representações se construam deles? Quais seriam as intenções dos editores da revista, ao produzir um impresso dessa natureza?

³ Vale salientar que as revistas localizadas foram classificadas por nós como revistas que seriam *destinadas*, em grande medida, a um público supostamente feminino, a partir de uma análise panorâmica do impresso, a qual se tornou mais aprofundada à medida que desenvolvemos a pesquisa sobre os leitores (supostos e empíricos) e os modos de apropriação de *Grande Hotel* (MELO, 2013).

⁴ Em linhas gerais, fotonovelas são narrativas que tratam, frequentemente, de relações amorosas, entre homens e mulheres, ilustradas, em sua grande maioria, com fotografias. Nos primeiros números de *Grande Hotel*, do final da década de 1940, essas narrativas eram compostas por desenhos em quadros, as quais nós decidimos chamar de *fotodesenhos*, palavra que não está dicionarizada. O dicionário *Aurélio* da Língua Portuguesa e o *Dicionário de gêneros textuais* (COSTA, 2008) tratam o termo “fotonovela” como sinônimo de “fotorromance”, mas não mencionam a palavra “fotodesenho”. A denominação atribuída a esse tipo específico de história foi localizada na própria revista *Grande Hotel*.

Por que se imaginava vender muito uma revista, com esse tipo de formato, seções e gêneros textuais? De que maneira seus leitores se apropriariam do suporte e de seus textos?

É preciso esclarecer que esta história começou, sem dúvida, com uma descoberta de arquivo. Mas as descobertas de arquivo se tornam meras curiosidades ou anedotas se não formos capazes de fazer boas perguntas a elas. Essas perguntas advêm, na maior parte das vezes, da nossa familiaridade com os debates teóricos que caracterizam um determinado campo, em certa época. A revista *Grande Hotel* parecia, nessa direção, um objeto com grande potencialidade para confirmar e/ou complexificar certos problemas colocados pelos estudos sobre impressos populares – em particular sobre revistas femininas – e, de modo mais amplo, pela História Cultural. Nesse sentido, apesar da sorte de ter encontrado revistas de fotonovelas na Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, visto que esse tipo de material, geralmente, é tratado como descartável, a justificativa para a escolha de realizar uma pesquisa histórica sobre a leitura de *Grande Hotel* encontrava-se, primordialmente, em outros elementos. Se pesquisarmos, nos poucos trabalhos brasileiros localizados sobre a temática,⁵ vamos encontrar a informação de que *Grande Hotel* foi a primeira revista “feminina” e “popular”, no Brasil, a veicular fotonovelas, a princípio, como foto-desenhos, para, mais tarde, passar a publicar as narrativas de amor adocicadas, valendo-se de fotografias. Acrescente-se a isso a tiragem de 215.000 exemplares a cada 15 dias, no início dos anos 1960, em um País onde a maior parte de sua população era analfabeta até a década de 1950.⁶

Trata-se de números bastante expressivos. Também se torna relevante dizer que a revista *Grande Hotel* circulou, no Brasil, de 1947 até 1984, e, de acordo com seus editores, apresentou, cada vez mais, demanda de vendas. Mesmo que

⁵ Como os estudos de Angeluccia Habert (1974), Dulcília Buitoni (1981, 2009), André Luiz Joaquinho e Mariângela Joaquinho (2008), Lucia Ferreira (2007), Ivani Abib (2002), Ivia Alves (2002), Isabel Sampaio (2008), Raquel Miguel (2009).

⁶ O Censo de 1950, segundo Alceu Ferraro (2002), aponta uma taxa de analfabetismo de 57,2% entre os brasileiros de cinco anos ou mais (24.907.696); 51,5% entre aqueles com 10 anos ou mais (18.812.419); 50,5% na população de 15 anos ou mais (15.272.632). Percentuais um pouco menores aparecem no Censo de 1960: 46,7% (27.578.971) de analfabetos na população brasileira de cinco anos ou mais; 39,7%, na população de 10 anos ou mais (19.378.801); 39,6% entre aqueles com 15 anos de idade ou mais (15.964.852), embora, em números absolutos, a quantidade de analfabetos aumentasse.

seus mais diversos leitores não dominassem plenamente as habilidades do ler e do escrever, concluímos, por meio de nosso estudo, que *Grande Hotel* foi uma revista que compôs os cenários da história da leitura de muitos brasileiros daqueles anos.

Por isso, decidimos tomar esse impresso como objeto de investigação, analisando a revista e as suas práticas de leitura. Para tanto, fundamentamo-nos, sobretudo, na História Cultural e na História da Leitura e do Livro. Para Roger Chartier (1988, p. 121), a história ou toda a sociologia da leitura encontra-se envolvida por uma aparente contradição: de um lado, temos o suposto “carácter todo-poderoso do texto, e o seu poder de condicionamento sobre o leitor”; de outro, conforme o autor, a leitura como prática autônoma, “a liberdade do leitor, produtor inventivo de sentidos não pretendidos e singulares”. Pressupõe-se, nesse sentido, que a materialidade⁷ do impresso influencia/condiciona as maneiras de ler e a produção de sentidos pelo leitor. Foi exatamente essa tensão que encontramos quando analisamos *Grande Hotel* e pensamos sobre as possíveis leituras que do impresso se faziam. Assim, o nosso objetivo foi justamente explorar tal tensão, que envolve os dispositivos⁸ que constituem esse tipo de impresso e procuram condicionar os movimentos dos leitores em seu trabalho de produção de sentido para os textos que leem, como também a apropriação⁹ que os sujeitos faziam dos textos veiculados por *Grande Hotel*, os seus usos da revista.

Para realizar a investigação, utilizamos como fontes principais, além de uma amostra com 73 números de *Grande Hotel*, cerca de 10% do que foi produzido e circulou no Brasil, entre 1947 e 1961,¹⁰ alguns números da revista francesa

⁷ Conforme Chartier (1994, p. 8), materialidade é a realidade física com seus “dispositivos técnicos, visuais e físicos”, por meio da qual os discursos existem, manifestam-se. Segundo o autor, “manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis”.

⁸ Para Chartier (1988, p. 60), dispositivos discursivos ou institucionais seriam “tecnologias da vigilância e da inculcação”. Na sociedade, sua função é “esquadrinhar o tempo e os lugares, disciplinar os corpos e as práticas, modelar, pelo ordenamento regulado dos espaços, as condutas e os pensamentos”. Apesar disso, eles não são absolutamente eficazes do ponto de vista da aculturação. Segundo o autor, os dispositivos de todas as ordens oferecem, necessariamente, um lugar, quando são recebidos, para o distanciamento, o desvio, a reinterpretção.

⁹ Compreendemos “práticas de apropriação cultural como formas diferenciadas de interpretação” (CHARTIER, 1988, p. 28).

¹⁰ A delimitação do período de estudo compreende o ano em que a revista começou a ser publicada no Brasil e o ano em que a revista passou a ser, cada vez mais, destinada à publicação de fotonovelas.

Nous Deux e da revista italiana *Grand Hôtel*,¹¹ bem como 12 depoimentos orais de leitores do impresso na época. Foram ainda fontes complementares para este trabalho cartas de leitores trocadas entre si, ou aquelas escritas para os responsáveis pela edição da revista; registros de leitores da revista brasileira, nos quais eles narram sua experiência de leitura do impresso, publicados em livros, como os de memórias e autobiografias.¹²

Em meio aos embaraços teóricos e metodológicos para apreender os usos, no passado, de uma revista barata, produzida cada vez mais *para* um público feminino, no Brasil de fins dos anos 1940, fomos, a princípio, buscar fundamentos para pensar essa problemática nos estudos sobre o tema. Simultaneamente a esse movimento de revisão de literatura, foi preciso compreender, no campo teórico, a importância de se estudar os movimentos que os leitores fazem ao se apropriar de um impresso. Afinal, por que estudar os movimentos dos leitores? As respostas que estudiosos elaboraram para as perguntas sobre os (supostos) leitores de impressos “femininos” e “populares”, dada a sua abordagem em relação ao objeto de estudo e a sua maneira de analisar as fontes, suscitaram em nós ‘novas’ indagações: é possível dizer que uma pessoa é aquilo que lê? Como os diferentes indivíduos atribuem significado para aquilo que leem? De que modo os diversos sujeitos, em determinadas condições históricas, apropriam-se de certos gêneros textuais?

PRIMEIRO MÉTODO DA INVESTIGAÇÃO: O ESTUDO DE IMPRESSOS

A fim de contruir respostas para essas perguntas sobre leitores de “carne osso”, foi necessário apreender, primeiramente, o leitor esperado pela Editora Vecchi e seus redatores para a revista *Grande Hotel*. Assim, nossa lente de análise esteve, em um primeiro momento, sobre o impresso, sua materialidade, seus com-

¹¹ Os números *Grand Hôtel* utilizados na pesquisa foram localizados na Biblioteca nacional da França (BnF), em Paris; na Edizioni Del Duca e na Biblioteca Nazionale Braidense, ambas situadas em Milão; na Biblioteca do Istituto Parri e na Biblioteca Italiana Delle Donne, em Bolonha, enquanto os exemplares de *Nous Deux* consultados neste estudo pertence à coleção completa da revista que se encontra na BnF.

¹² Como *Minha Guerra Alheia*, de Marina Colasanti (2010), e *BAO CHI, BAO CHI*, de Luís Edgar de Andrade (2002), no qual o autor, que havia sido leitor de *Grande Hotel* entre o final dos anos 1940 e início dos anos 1950, comenta a troca regular de cartas com uma leitora da revista.

ponentes; seus redatores e ilustradores; o suporte; seu conteúdo, a maneira pela qual uma amostra representativa de seus textos foram escritos, os objetivos desses textos e seu Leitor-Modelo.¹³ Também foi fundamental ampliar nossas lentes de investigação sobre os lugares em que o impresso circulava, o mercado editorial, e o cenário urbano do período, que favorecia a circulação de revistas de fotonovelas no Brasil e permitia sua leitura por mulheres, mas também por homens.

Trabalhamos sobre os componentes da revista *Grande Hotel*, quais sejam: o tamanho da publicação, seu número de páginas, o papel utilizado em sua confecção, o tipo de letra, a organização e a distribuição dos textos ao longo da revista, os protocolos de leitura. Analisamos também alguns dados de sua distribuição e tiragem. Dedicamos atenção especial às seções da revista e ao que se pretendia comunicar a seus supostos leitores por meio dos textos nelas publicados. Foram ainda alvo de nossa análise: o preço de cada exemplar; as capas; quartas-capas; referências a autores dos textos publicados na revista; as fotonovelas, o número de páginas que ocupavam no impresso, sua forma, conteúdo, seus fotogramas, personagens, seus dados técnicos (roteirista, desenhista, autor); quantidade de narrativas de amor publicadas em cada número da revista; denominações dadas, pelos editores, à própria revista; caracteres utilizados nos textos publicados no impresso; presença ou ausência de imagens, além daquelas dos fotogramas que constituem a fotonovela; presença ou ausência de cor na confecção de *Grande Hotel*. Para realizar essa análise, além de trabalhar com os números de *Grande Hotel*, recorreremos também a alguns autores que já fizeram trabalhos nessa direção, em que se veem análises de impressos de ampla circulação,¹⁴ de impressos para mulheres,¹⁵ de revistas que veiculavam fotonovelas.¹⁶

Como nosso *corpus* era relativamente extenso, para que nossa análise pudesse ser realizada de modo rigoroso e detalhado, a empreendemos a partir de informações coletadas das revistas e lançadas em um Banco de Dados criado espe-

¹³ Na pesquisa, fizemos uso do conceito de “Leitor-Modelo”, utilizado por Umberto Eco (1979) em seus estudos sobre a literatura.

¹⁴ Como é o caso do estudo de Ana Galvão (2000) sobre o cordel e os modos de sua apropriação em Pernambuco, entre 1930 e 1950.

¹⁵ Ver os trabalhos de Maria Teresa Santos Cunha (1999), Mônica Jinzenji (2010), Carla Bassanezi (1993), Laura Salerno e Maria Teresa Cunha (2011).

¹⁶ Destacamos aqui os estudos de Miguel (2009), Sampaio (2008) e o trabalho de Habert (1974).

cialmente para a pesquisa no Excel. No total, 246 campos foram criados para receber as informações recolhidas de nosso *corpus*. Esses campos foram elaborados a partir da identificação dos componentes da revista, tanto do ponto de vista de sua materialidade, quanto do ponto de vista de seu conteúdo. Logo, trabalhamos com informações relativas a diversos elementos anteriormente indicados como, por exemplo, ao formato da revista, à composição de sua capa, quarta capa, tipografia e papel utilizado na sua constituição, mas também com suas seções, narrativas, textos argumentativos e conselhos publicados em *Grande Hotel*. No caso das seções e dos diferentes gêneros textuais que compõem a revista, privilegiamos títulos, localização no interior do impresso e quantidade de páginas ocupadas por esses componentes. Cerca de 60% do Banco de Dados têm como foco informações relativas à constituição material da revista.

Para cada um dos campos, trabalhamos com tabelas de frequência simples, a fim de verificar, quantitativamente, em números absolutos e em percentuais, a presença de cada um dos elementos de *Grande Hotel* nos números analisados durante a investigação. Depois, em função do nosso objeto de estudo, passamos ao cruzamento das informações. Os dados de cada um dos campos foram cruzados com aqueles relacionados às épocas de grandes tendências apontadas pela análise das tabelas de frequência simples, associada à consulta periódica aos 321 números adquiridos, bem como à leitura intensiva dos 73 números que formaram nosso *corpus*. Também fizemos cruzamentos entre os campos relativos aos componentes materiais da revista, a seu conteúdo, com aqueles alimentados com informações do número de cada exemplar e sua respectiva data de publicação.

As duas outras Bases, construídas para *Grand Hôtel* e *Nous Deux*, salvo variações devidas a especificidades de cada revista, apresentam praticamente os mesmos campos do Banco de Dados construído para ser alimentado com as informações colhidas dos exemplares da revista brasileira. Nosso interesse era saber sobre uma possível semelhança entre as três revistas, o que foi confirmado tanto pela consulta mais livre a números dos impressos europeus, como também pela construção do Banco de Dados para cada um deles. A partir do trabalho com as três revistas, privilegiamos elementos dos impressos que poderiam nos dar pistas sobre o(s) suposto(s) leitor(es) de *Grande Hotel*. Além da análise quantitativa realizada a partir do Banco de Dados, também buscamos analisar qualitativamente alguns exemplares da revista, como ficará evidenciado a seguir.

Ao analisar o nosso *corpus*, consideramos que os editores de *Grande Hotel* e os autores dos textos veiculados na revista, ao prever o Leitor-Modelo para o impresso, procuraram produzi-la de modo a construir esse leitor, que, especialmente a partir da década de 1950, seria mesmo uma leitora. Nessa direção, compreendemos o Leitor-Modelo de *Grande Hotel* como “um conjunto de *condições de êxito*, textualmente estabelecidas, que devem ser satisfeitas para que um texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial” (ECO, 1979, p. 45. Destaque do autor.).

Segundo Umberto Eco (1979), os textos apresentam um conjunto de artifícios de expressão que devem ser atualizados pelo destinatário. Nesse sentido, há incompletude nos textos, pois o destinatário, o qual não é necessariamente o leitor empírico, dotado de uma competência gramatical, participa da sua construção, estabelecendo-se aí uma relação de cooperação. É como se os textos trouxessem espaços em branco a serem preenchidos pelo leitor, que é previsto pelo produtor do texto. “Mecanismo preguiçoso”, nas palavras de Eco (1979, p. 37), os textos vivem também dos sentidos atribuídos a eles pelos leitores. Para que o texto funcione, é necessário que existam leitores que o ajudem em sua tarefa, por meio da interpretação. Mesmo que o destinatário de um texto não seja pensado de uma maneira concreta, empiricamente, o leitor imaginado para ele apresenta-se como “condição indispensável” a fim de que a comunicação aconteça; o destinatário de um texto é fundamental para a sua “própria potencialidade significativa”.

Esse destinatário, pensado pelo autor, configura-se como o Leitor-Modelo. A estratégia textual envolve a previsão, por quem fabrica o texto, de um leitor com determinadas competências que possa oferecer conteúdo à produção do autor, não somente naquilo que se refere aos códigos por ele utilizados. O Leitor-Modelo deve ser capaz de se movimentar dentro do texto, “interpretativamente”, como o autor se movimentou “gerativamente” (ECO, 1979, p. 37). O que se espera, do ponto de vista da produção, é que o leitor visado seja cooperativo, colaborando com o autor, ao produzir, para o texto que lê, o sentido pensado no momento da produção.

A partir da análise realizada, chegamos a algumas conclusões sobre o leitor visado pelo impresso. Concluímos, em primeiro lugar, que, nos anos iniciais de publicação da revista no Brasil, no final dos anos 1940, uma parte considerável dos textos da revista *Grande Hotel*, assim como dos textos de *Grand Hôtel* e de *Nous Deux*, demandava um leitor geral, em quem se pudesse produzir um pra-

zer, pela leitura, continuamente renovado pela compra da revista a cada semana. Além disso, podemos perceber que o Leitor-Modelo das revistas seria aquele disposto a mergulhar no mundo das relações amorosas, o qual as compõe da capa à quarta capa, passando pelas matérias sobre cinema, fotonovelas, pelos fotodeseñhos, folhetins, contos. Sendo o amor o eixo estruturante da revista, a temática dos textos propiciaria a construção de um leitor, por exemplo, do gênero masculino e do gênero feminino, branco ou negro, brasileiro ou não, proprietário de um maior ou de um menor capital econômico, a não ser que se considere a histórica associação, que data do século XVIII, entre leitura de romances sentimentais e hábitos femininos, como discute Maria Teresa Santos Cunha (1999).

De um leitor mais geral, pouco a pouco, a revista passou a pressupor um leitor brasileiro. Mesmo que *Grande Hotel* não tivesse deixado de ser uma tradução da revista italiana e fosse constituída ainda por componentes textuais franceses, a Editora Vecchi, gradualmente, incluiu, na publicação, referências ao Brasil. Elementos nacionais aparecem nas seções de correspondência de *Grande Hotel*, nas quais encontramos os dados dos leitores que escreveriam para a revista. Também as seções “Canções famosas” e “Os Ídolos da Tela” acompanhavam a tendência de agregar referências ao Brasil na sua composição. Nesse sentido, “Os Ídolos da Tela” focalizou artistas do País, como Eliana (Eli de Sousa), Procópio Ferreira, Eliane Laje, Grande Otelo, Fada Santoro (Mafalda Basílio Monteiro dos Santos), Ilka Soares.

A análise dos locais de venda da revista também indicam que esse leitor brasileiro poderia morar nas diferentes regiões do Brasil. Produzida no Rio de Janeiro pela Editora Vecchi, *Grande Hotel* foi pensada para circular semanalmente, em todo o País, tal como nos mostra a análise das capas, quarta capas e das primeiras páginas da revista. Nos números de *Grande Hotel*, publicados entre 1947 e 1961, existem várias cartas, que seriam de leitores de diversas regiões do Brasil, como: São Borja, Recife, Goiânia, Santo André, Rio de Janeiro. Esses dados, cruzados com os dados das entrevistas e com informações dos livros de memórias analisados, evidenciam sua circulação nacional.

No final da década de 1950, como já mencionamos, *Grande Hotel* passou a supor, cada vez mais, uma leitora para a maior parte de seus textos. Referências a ela, à leitora esperada para a revista, aparecem, nesse período, preponderantemente, nas imagens que ilustram *Grande Hotel*; nas seções de cartas da revista; em suas “Páginas femininas”, onde há sugestões de como se vestir; nos conselhos

sobre comportamento, como mãe, “esposa”, dona de casa; em testes e anúncios publicados na revista; nos artigos sobre saúde, higiene e beleza:

Se você não souber de cor estas nove resoluções, aprenda-as depressa e ponha-as em prática. Não continue vulgar, nem bonita nem feia, sem sucesso. Seja bonita, muito bonita... ou um pouco menos bonita... mas seja “bem polida”. Porque isto substitui tudo (GRANDE HOTEL, n. 380, 02/11/1954, p. 17. Destaques nossos.).

Nesse trecho do artigo, “Prova dos nove da beleza”, por exemplo, além de uma leitora instituída gramaticalmente, verificamos o intuito de ‘educar’ as mulheres. Os elementos linguísticos, como adjetivos no feminino e verbos empregados no modo imperativo, que compõem o texto, nos permitem chegar a tal conclusão.

Para os redatores de *Grande Hotel*, “a mulher tem o dever de agradar” (n. 139, 21/03/1950, p. 18).¹⁷ Desse modo, em um momento no qual os produtores do impresso consideravam que “as mulheres fatais” não estariam mais “em moda”, a recomendação era a mudança. Elas precisariam se transformar já que a vez era, então, das “mulheres simples, jovens, radiantes”, as quais dariam “prazer aos olhos”. Portanto, “vamos substituir nossos arrebiques ou cosméticos um pouco sombrios por outros que nos darão uma beleza mais singela”. Como podemos perceber, tanto os elementos linguísticos dos textos, quanto a maneira de sua composição indicam-nos os intuitos de seus redatores em relação à ‘educação’ das mulheres. Nesse processo de formação, aprender a cuidar da beleza, no que se refere ao corpo, à maquiagem, aos cabelos, parecia fundamental. As mulheres idealizadas pelos redatores de *Grande Hotel* viveriam para dar prazer aos outros e não a si mesmas.

¹⁷ Esse dever da mulher de “agradar” especialmente o homem era sempre trabalhado pelos redatores da revista. Em seu n. 380, de 02/11/1954, segundo as ideias apresentadas no artigo: “Noivado”, publicado na seção “De Eva para Eva”, a mulher, após o noivado, “enquanto espera”, deveria sair, rir, divertir-se, porque “os homens apreciam as moças risonhas, divertidas, sempre de bom humor” (p. 14). Algumas páginas à frente, Alice Chavane, no artigo: “Prova dos nove da beleza”, explica às suas leitoras o que é agradar. De acordo com a autora, “agradar é estar fresca, de bom humor, com um ar sorridente que lhe confere a discreta água de toucador, o bom sabonete, a escôva e o ‘shampoo’ semanal. E agradar é vencer. Quem não tem esta ambição?” (p. 17).

A análise dos anúncios também evidencia progressiva predominância da mulher como leitora visada pelo impresso. No ano de 1947, quando localizados, os anúncios, em geral, eram ou de produtos de beleza, de perfumes, cosméticos, joias, ou de produtos comercializados pela própria Editora Vecchi, tais como: livros, revistas, álbuns de figurinhas. Mas, dos anos 1950 em diante, os anúncios passaram a povoar a revista: alimentos, bebidas, remédios, produtos de higiene, tecidos. Tornaram-se mais frequentes, nesse período, anúncios de roupas, sapatos e utensílios para casa, produtos destinados a bebês. Em *Grande Hotel*, os utensílios para o lar, assim como produtos para crianças apareciam sempre ligados à imagem de uma mulher, que limparia e organizaria a casa, cuidaria de seus filhos. Seriam essas tarefas associadas à leitora esperada para esses anúncios, à leitora instituída por e nesses textos? As ilustrações que os compõem, como também suas pistas textuais sugerem a relação entre mulher e trabalho doméstico, mulher e cuidado de filhos.

Identificamos, no início dos anos 1960, como leitor pressuposto para a revista, uma leitora de fotonovelas, de histórias românticas, fossem elas publicadas na íntegra ou em episódios. A curiosidade de acompanhar essas narrativas possivelmente foi um elemento explorado pelos editores de *Grande Hotel*. Tal estratégia parece ter funcionado, dado o sucesso de vendas da revista, evidenciado em suas tiragens cada vez maiores. Como será abordado adiante, os leitores empíricos do impresso, entrevistados por nós, afirmaram que liam *Grande Hotel*, em especial, por causa das fotonovelas.

Podemos afirmar, de modo geral, que *Grande Hotel*, embora apresentasse títulos diferentes para seções que tratavam da mesma forma da mesma temática, como as seções de cartas que funcionavam como “consultórios” sobre questões amorosas ou estéticas, foi uma revista que, quanto a seus componentes fundamentais, modificou-se relativamente pouco ao longo do período analisado. O perfil do leitor por ela visado, por sua vez, sofreu mudanças ao longo do período estudado, configurando-se, cada vez mais, como uma leitora brasileira que apreciava fotonovelas.

SEGUNDO MÉTODO DA INVESTIGAÇÃO: O ESTUDO DAS EXPERIÊNCIAS DOS LEITORES “DE CARNE E OSSO”

Na medida em que o problema da nossa pesquisa centrava-se, como já explicitado, na tensão operatória entre os sentidos impostos pelo texto/impresso e

aqueles atribuídos a ele por seus leitores, tornava-se imprescindível, ao lado da análise da revista em sua materialidade, (re)construir as experiências de leitores empíricos de *Grande Hotel*. Nesse processo, 12 entrevistas foram realizadas entre maio de 2011 e fevereiro de 2012. Os entrevistados foram localizados por meio de conversas, que ocorreram sobre revistas de fotonovelas em nossos círculos de convivência. Compusemos o grupo de entrevistados, tendo em vista três variáveis – pertencimento social, gênero, escolaridade – porque gostaríamos de ter, como participantes de nossa pesquisa, diferentes sujeitos, leitores de *Grande Hotel* entre o fim dos anos 1940 e o início dos anos 1960. Esses critérios de escolha relacionam-se diretamente tanto com o objetivo da pesquisa, quanto com o que nos dizem os estudos sobre revistas “femininas” de fotonovelas. De modo geral, seus autores constataram, a partir da análise dos impressos e das projeções das editoras, que seus leitores eram de origem “popular”, com baixa escolaridade, baixa renda e, ‘portanto’, sem capital cultural. Quando os estudos se voltam para os leitores dessas revistas, a apropriação dos impressos faz surgir sujeitos diversos, mas, em relação à origem social, permanecem os sujeitos, leitores de fotonovelas, como oriundos de meios populares.

O grupo de entrevistados foi, assim, formado por oito mulheres e quatro homens. Na época de realização das entrevistas, todos eles tinham idades entre 60 e 80 anos, pertenciam a diferentes meios sociais e apresentavam níveis de escolaridade distintos. Entre as mulheres, quatro eram brancas; duas eram negras, e as outras duas eram pardas. Entre os homens, três eram brancos, e um deles era pardo.

Quatro dos sujeitos participantes de nossa pesquisa, três mulheres e um homem, na época da leitura de *Grande Hotel*, pertenciam às elites ou às camadas médias da população; suas famílias possuíam um volume razoável de capital econômico e capital cultural. Esses leitores eram oriundos, pois, de meios mais intelectualizados. Os demais, cinco mulheres e três homens, pertenciam a meios populares. Finalmente, quanto à escolaridade, sete participantes da pesquisa, quatro mulheres e três homens, estavam na escola quando leram *Grande Hotel*, e cinco deles, quatro mulheres e um homem, não frequentavam a escola nessa época de leitura da revista. Uma delas, contudo, quando era leitora de *Grande Hotel*, já havia terminado os estudos básicos.

Ao realizar as entrevistas, é importante salientar que trabalhamos com a concepção de história oral, compreendida como metodologia. Consideramos, nessa direção, além de sua dimensão técnica (gravações, transcrições, conserva-

ção de entrevistas, equipamentos empregados na coleta dos depoimentos e na sua transcrição, modelos de organização de acervos), que a história oral apresenta uma dimensão teórica que a transcende, conforme ressaltam Janaína Amado e Marieta Ferreira (1996). Desse modo, ao utilizarmos essa metodologia em nossos estudos, não podemos nos furtar de refletir sobre pontos cruciais, os quais se relacionam diretamente com o trabalho de pesquisadores que se envolvem com a história oral, tais como: as relações entre memória e história,¹⁸ os tipos de entrevistas, as maneiras de narrar trajetórias individuais (biografias, autobiografias, histórias de vida), as ligações entre tradição oral e escrita. Nessa perspectiva, conforme Amado e Ferreira (1996, p. xv), “o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes”.

Por isso, não perdemos de vista também a narrativa, seja ela aquela que nos chegou por meio das entrevistas; seja ela a que produzimos a partir das fontes orais. Logo, as formas de construção e de organização do discurso receberam nossa atenção e os devidos cuidados metodológicos durante a realização da pesquisa. Esse procedimento justifica-se porque não desconsideramos o elemento ficcional que constitui tanto a narrativa do entrevistado, quanto o trabalho do historiador.¹⁹

Todavia, embora nosso esforço para resolver problemas metodológicos estivesse mais voltado para a teoria da história, não descartamos contribuições de outras disciplinas, como a Sociologia, a qual também muito contribuiu para pensar as questões oriundas da prática. Nessa direção, são apropriadas as reflexões teórico-metodológicas de Bourdieu (1997) acerca da realização de entrevistas. Para o sociólogo, a entrevista se constitui como uma situação comunicativa, na qual o outro é visto como fonte de conhecimento e cuja realização é marcada pela violência simbólica. Segundo o autor, a relação de pesquisa é uma relação social. Desse modo, quanto mais conhecimento e compreensão o pesquisador tiver da natureza dessa relação e do que nela está implicado (as relações de poder e diferentes posições na hierarquia dos capitais social e cultural, por exemplo) maior será a possibilidade de evitar armadilhas que comprometam os resultados da pesquisa.

¹⁸ A esse respeito, consultar o trabalho de Jacques Le Goff (1994 [1990]).

¹⁹ A esse respeito, ver: Paul Veyne (1992) e Hayden White (1994).

Nesse sentido, Bourdieu (1997) destaca alguns cuidados que devem ser tomados ao longo da investigação, os quais podem contribuir para atenuar os efeitos da relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado. Na medida em que o pesquisador (re)conhece que a relação de pesquisa é uma relação social, deve se esforçar para “dominar o mais completamente possível seus atos, inevitáveis, de construção e os efeitos que eles produzem também inevitavelmente” (p. 695). Em relação à situação de entrevista, Bourdieu propõe que seja instaurada “uma relação de escuta ativa e metódica” a qual, segundo ele, “associa a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular [...] com a construção metódica, forte, do conhecimento das condições objetivas, comuns a toda uma categoria” (p. 695). Bourdieu também ressalta a necessidade de se adotar critérios claros e objetivos no que diz respeito às estratégias de seleção dos entrevistados de modo a construir uma comunicação “não-violenta”. Outro procedimento apontado pelo autor é a realização, por parte do pesquisador, do exercício de se colocar “em pensamento” no lugar do outro, construindo-se, pois, uma relação de pesquisa que faça sentido também para o entrevistado. Esse exercício é possível, segundo o autor, desde que o pesquisador tenha um profundo conhecimento sobre seu objeto. Bourdieu também destaca que qualquer tentativa de neutralidade é ilusória e perigosa, porque, agindo dessa forma, o pesquisador ignoraria que a entrevista é uma construção, uma relação social em que vários fatores intervêm. Mais coerente é o estudioso reconhecer a impossibilidade de neutralidade, trabalhar de forma metódica, construir a entrevista de forma realista e dela participar de modo a levar o entrevistado, tomado como interlocutor, a também dela participar.

O trabalho com a história oral pode nos oferecer ainda outras possibilidades. Ana Galvão (2006) ressalta o privilégio de perceber, na situação de entrevista, “a relação do entrevistado com a leitura em uma situação em que ela se dava concretamente” (p. 210). Isso ocorreu no caso da nossa investigação sobre *Grande Hotel*. Durante as entrevistas, todos os participantes da pesquisa puderam ler e folhear a revista após falarem sobre suas experiências de leitura. Na maior parte das vezes, exemplares da revista foram disponibilizados aos entrevistados quando eles já haviam contado bastante sobre as diferentes dimensões da leitura da revista, e um longo silêncio permaneceu durante a entrevista, ou quando eles mesmos perguntaram se havia alguns números de *Grande Hotel* para verem. Esse procedimento suscitou mais lembranças nos entrevistados sobre sua época de leitores

do impresso. Margareth, por exemplo, professora universitária, que estava com 78 anos quando nos concedeu a entrevista, lembrou-se da troca de cartas intensa e regular com um leitor de *Grande Hotel*, de Fortaleza, na qual a revista serviu, inicialmente, de intermediadora. Ao folhear exemplares do impresso, ela também se lembrou da sua escrita de diários entre os 13 e os 21 anos. Com as lembranças de leituras feitas no passado, vêm as histórias de vida.

Uma vez realizadas as entrevistas, partimos para a análise dos depoimentos orais dos sujeitos participantes da investigação. Os depoimentos foram, então, “dissecados”, decompostos em partes em função do objeto da pesquisa. O processo de categorização das entrevistas gerou 29 arquivos, organizados em função dos seguintes temas, comuns aos 12 depoimentos: acesso a *Grande Hotel*, circulação e empréstimo da revista, como se lia *Grande Hotel*, construção da narrativa, conteúdo da revista, do fotodesenho à fotonovela, época da leitura de *Grande Hotel*, escola, família, formação como leitor, gosto pela leitura de *Grande Hotel*, *Grande Hotel* e o cinema, idade na época de leitura da revista, leitura de adolescente, leitura de lazer, leitura depois das obrigações, leitura e espaço, o que se lia na época em que se lia também *Grande Hotel*, onde se lia a revista, outras práticas culturais, por que ler *Grande Hotel*, práticas de escrita, preço de *Grande Hotel*, primeiras leituras, proibição de leitura, quando se lia *Grande Hotel*, quem lia a revista, relação com o suporte, revista para moças. Como podemos perceber, algumas categorias, algumas vezes, se sobrepuseram. Isso aconteceu, por exemplo, quando a “formação do leitor” correspondia à sua vivência na escola e/ou na família. Porém, à proporção que fomos trabalhando a categorização, essas sobreposições foram desaparecendo na análise.

Caso não tivéssemos “recortado” as entrevistas, classificando-as em função de categorias que nos ajudaram a compreender mais nosso objeto de estudo, correríamos o risco de transcrever os depoimentos na íntegra, e isso, mesmo que seja interessante em alguns trabalhos, não o é na pesquisa histórica, tal como salienta Galvão (2006). Segundo a autora, a categorização dos dados coletados nas entrevistas por meio de sua separação é fundamental, pois é somente dessa maneira que conseguimos analisar os depoimentos, estabelecer relações e, assim, indicar os resultados que colaboram na compreensão do objeto. Conforme o que já destacamos, não pretendíamos apenas gravar os depoimentos e editá-los.

Buscamos, assim, compreender como diferentes leitores se apropriaram da revista. Em outras palavras, pretendemos entender de que maneira sujeitos dife-

rentes atribuíam sentido para os textos que liam da revista e que tipo de relação estabeleciam com o impresso, entre 1947 e 1961. Os sujeitos que participaram de nossa pesquisa, concedendo-nos entrevistas, eram, portanto, indivíduos que já liam nesse período, fossem, eles, crianças na época, fossem, eles, leitores jovens.

Os resultados da análise revelaram que, de um lado, havia uma certa coincidência entre o leitor visado pelo impresso e os sentidos atribuídos à leitura pelos leitores empíricos. Constatamos, por exemplo, que a fotonovela era realmente o gênero textual mais importante da revista para eles. Para Kléber, por exemplo, a fotonovela publicada em *Grande Hotel* foi o primeiro elemento que apareceu em seu depoimento, ao nos falar sobre o conteúdo da revista. Sua atenção, ao reconstruir a época em que lia a revista, voltou-se especialmente para o modo de produção desse gênero textual. Segundo o leitor,

[...] era fotonovela que chamava. Você tinha os quadrinhos, hoje eu entendo como era feito, porque eu acho que eles... Imagina você fotografar a novela hoje que passa na televisão. Fotografou os quadros, e aquilo você vai imprimir. E punha um balãozinho. Era o que a gente tinha. Tinha novela de rádio, né? A televisão ainda estava muito no início, estava começando ainda. Então, a novela de rádio que já era uma coisa forte, e depois a fotonovela, que isso aí é que dominava mesmo [...] (Kléber, pardo, estudante do Curso de História, 01/12/11).

Para uma das leitoras de *Grande Hotel*, o que a motivava na leitura da revista e de outras revistas que veiculavam fotonovelas, no Brasil, era a temática amorosa. Assim, quando perguntamos a Madalena se ela se lembrava da época em que lia *Grande Hotel*, a leitora assim nos respondeu:

Olha, eu lembro bem dessa data que você pôs, de 47. Eu estou com setenta e oito anos, e eu me lembro bem dessas revistas de fotonovelas que eu gostava muito. Inclusive, até hoje eu gosto de novela. Vejo. Vejo novela hoje, porque eu gosto muito. Quando fala de amor todo mundo gosta, né? (Madalena, parda, dona-de-casa, 09/12/2011).

Por outro lado, a pesquisa também mostrou que nem sempre os modos como o impresso buscava condicionar a leitura eram apropriados pelos leitores. Embora os produtores de *Grande Hotel* buscassem, com seus textos, ‘educar’ ‘a’

mulher – essa mulher que se supunha existir –, para alguns de seus leitores empíricos, a leitura da revista era uma leitura feita por prazer, para o lazer. Não se tratava de uma leitura para se formar ou para construir conhecimento. Para Margaret, uma leitora pertencente às classes médias intelectualizadas:

Era lazer. Isso era claro, que era lazer. Isso, a diferença era muito clara, tanto que você vê que, quando eu me organizava, isso aqui, Delly, vai ficar aqui em cima, pra eu ver e ficar tentada e resistir, a tentação de largar isso aqui pra ler a revista, o romancinho lá. Então, era muito nítido quê que era que você lia pro estudo, pra o conhecimento e tal, e o que você lia pra lazer, que você se dava o direito de ler porque dava prazer (Margareth, branca, professora universitária, 04/05/2011).

Nessa direção, vale destacar o que nos narrou Wagner Emanuel, homem-leitor não pressuposto diretamente pelos editores da revista. Em seu depoimento, fica nítido também que não se tratava de um leitor propriamente popular, mas de alguém que tinha acesso a diferentes tipos de textos e livros:

[...] o primeiro contato que eu tive com a *Grande Hotel* foi nessas circunstâncias. Eu, quando aprendi a ler, lia qualquer coisa que caía na minha frente, aliás, eu continuo lendo. [...] Depois que eu tinha lido todos os Monteiro Lobato, Helena Morley, essa leitura tradicional de criança, eu pegava o que caía na minha mão. Aí, eu lia e era o *Grande Hotel* e as outras revistas de fotonovela. [...] (Wagner Emanuel, branco, historiador e editor, 11/11/2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem conhecer a revista *Grande Hotel*, não conseguiríamos compreender as apropriações do objeto pelos sujeitos participantes da pesquisa. Seus leitores empíricos nos diziam, frequentemente, da revista, da composição do impresso e, sobretudo, das fotonovelas. Assim, quando a separação dos dados coletados dos números de *Grande Hotel*, sua categorização gerou um grande volume de informações que, a princípio, apontavam-nos uma revista em constante transformação, escorregadia quanto às suas características principais, voltamo-nos para o

nosso problema de pesquisa que se situava na tensão entre o texto, seu suposto poder de conformar a constuição do sentido pelos leitores e a parcela de liberdade, de desvio que a interpretação, a apropriação e os usos de um impresso possibilitam. Só assim foi possível, tendo em vista as particularidades de nosso estudo, caracterizar um impresso que, hoje em dia, não circula mais; é um objeto desconhecido para muitos jovens brasileiros. Na operação historiográfica (CERTEAU, 1982) que nos propusemos realizar, pudemos, então, estudar intensamente nosso material documental e reunir os dados, para costurá-los na narrativa, depois de ter recolhido as informações; separado e classificado os dados em função do nosso objeto de pesquisa.

Foi por meio do que nos narraram homens e mulheres a respeito de suas experiências de leitura de *Grande Hotel* que percebemos como os sujeitos reagiam aos sistemas normativos. Em outras palavras, através das suas formas de apropriação da revista, reconstruídas em seus discursos, verificamos como os leitores do impresso lidavam com o dispositivo presente em *Grande Hotel*, criado e alimentado também por outras instâncias do contexto mais geral da época. Verificamos ainda os modos pelos quais os indivíduos lidavam com esse dispositivo no que se refere, por exemplo, ao que se imaginava e àquilo que se queria desses sujeitos, especialmente das mulheres, público-alvo dos editores de revistas de fotonovelas, em termos de modos e condições de leitura do impresso e até mesmo em termos de comportamento e de maneiras de lidar com o mundo. Se *Grande Hotel*, uma revista que se tornou cada vez mais feminina, que veiculava fotonovelas, dá contornos para o dispositivo que prescreve, que procura conduzir modos de ler, de escrever, maneiras de se relacionar com o impresso e até com outros indivíduos, com o mundo, as memórias dos leitores da revista evidenciam como esses sujeitos recebiam e transformavam tal dispositivo.

REFERÊNCIAS

Fontes

Revistas

Grande Hotel, 1947-1961.

Grand Hôtel, 1949-1951.

Nous Deux, 1947-1959.

Depoimentos orais

Entrevista concedida por Margareth em 04/05/2011.

Entrevistas concedidas por Ana Lúcia em 09/05/2011 e em 12/05/2011.

Entrevista concedida por Nelson em 28/10/2011.

Entrevista concedida por Irene em 01/11/2011.

Entrevista concedida por Wagner Emanuel em 11/11/2011.

Entrevista concedida por Kléber em 01/12/2011.

Entrevista concedida por Adônis em 03/12/2011.

Entrevista concedida por Madalena em 09/12/2011.

Entrevista concedida por Adélia em 08/02/2012.

Entrevistas concedidas por Ester em 13/02/2012 e em 27/02/2012.

Entrevista concedida por Alzira em 16/02/2012.

Entrevista concedida por Laís em 23/02/2012.

Bibliografia

ABIB, Ivani Vecina. *Argumentação e publicidade: o universo feminino e o percurso da sedução*. Dissertação (Mestrado) – São Paulo, Pontifícia Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em:

<http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=40>. Acesso em: 12/08/2016.

ALVES, Ivia. *Imagens da mulher na literatura na modernidade e contemporaneidade*. In: FERREIRA, Sílvia Lúcia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do (orgs.). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002. p.85-98.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (coord.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANDRADE, Luís Edgar de. *BAO CHI, BAO CHI*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964). *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 1, v. 7, p. 111-148, 1993.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: _____ et al. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 693-732.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina*. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad.: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988 [1982-1986]. (Memória e Sociedade).

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVIII*. Trad.: Mary Del Priore. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

COLASANTI, Marina. *Minha guerra alheia*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. (Historial 2).

ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Trad.: Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1979. (Estudos; 89).

FERRARO, Alceu Ravello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? *Educação e sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 21-47, dez. 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa*. 7.ed. Curitiba: Positivo, 2008.

FERREIRA, Lucia Maria Alves. Uma memória da normatização da conduta feminina na imprensa. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (orgs.). *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 57-70.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “História” oral e processos de inserção na cultura escrita. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 25, n. 11, p. 206-223, jan./abr. 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)*. 2000. 529 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

HABERT, Angeluccia Bernardes. *Fotonovela e indústria cultural: estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões*. Petrópolis: Vozes, 1974.

JOANILHO, André Luiz; JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. Sombras literárias: a fotonovela e a produção cultural. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 28, n. 56, p. 529-548, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad.: Irene Ferreira; Bernardo Leitão; Susana Ferreira Borges. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994 [1990]. (Coleção Repertórios).

MELO, Juliana Ferreira de. *Modos e condições de participação nas culturas do escrito: Pedro Nava e a formação na família (1903-1913)*. 2008. 243 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

MELO, Juliana Ferreira de. *Um impresso para mulheres e seus modos de apropriação: a revista Grande Hotel e seus (supostos) leitores (Minas Gerais, 1947-1961)*. 2013. 435f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. *A revista Capricho como um “lugar de memória” (décadas de 1950 e 1960)*. 2009. 260 f. Tese. (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. (Área de Concentração: Estudos de Gênero).

SALERNO, Laura Peretto; CUNHA, Maria Teresa Santos. Discursos para o feminino em páginas da revista *Querida* (1958-1968): aproximações. *Educar em Revista*, Curitiba, n.40, p. 127-139, abr./jun. 2011.

SAMPAIO, Isabel Silva. *Para uma memória da leitura: a fotonovela e seus leitores*. 2008. 287 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 2.ed. Brasília: UnB, 1992.

WHITE, Hayden. *Tópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Edusp, 1994.